TRANSMISSÃO PSÍQUICA FAMILIAR E FILIAÇÃO: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES COM O PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL

Thassia Souza Emídio

Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Departamento de Psicologia Clínica, Assis, SP.

RESUMO

Este trabalho objetivou estudar a questão da transmissão psíquica familiar e refletir sobre as possibilidades de articulação com o psicodiagnóstico infantil. Trata-se de uma pesquisa teórico – reflexiva, em que utilizamos o referencial psicanalítico. Desenvolvemos uma reflexão sobre a busca de diagnósticos para as crianças e destacamos a necessidade de um olhar mais abrangente que considere o grupo familiar e o contexto social destas. Discutimos sobre como o olhar para o sujeito e seu grupo familiar contribui para a compreensão da queixa apresentada no psicodiagnóstico e consideramos que os conceitos da psicanálise de famílias podem contribuir para a realização desse processo, uma vez que o olhar puramente individual, obedece a uma demanda onde o sintoma passa a ser algo que um membro do grupo carrega, o portador do sintoma familiar. Acreditamos que o psicodiagnóstico infantil deve ser repensado buscando possibilidades de atuação que permitam um olhar mais abrangente para a questão apresentada.
Palavras- chave: Psicodiagnóstico Infantil, Transmissão Psíquica Familiar, Família, Criança.

FAMILY AFFILIATION AND PSYCHIC TRANSMISSION: POSSIBLE LINKS WITH CHILDHOOD PSYCHODIAGNOSTIC

ABSTRACT

This work aims to study the issue of family psychic transmission and reflect on the possibilities of collaboration with child psychodiagnostic. This is a theoretical study - reflexive, in which we use the psychoanalytic framework. We discuss the search for diagnoses for children and highlight the need for a more comprehensive look that consider the family group and the social context of these. We discussed about how to look at the child and his family group contributes to the understanding of the psychodiagnostic complaint and consider the concepts of psychoanalysis families can contribute to the completion of this process, since the look purely individual follows a demand where the symptom becomes something that a group member carries the bearer of familiar symptom. We believe that children should be rethought psychodiagnostic seeking possibilities of action that allow a more comprehensive look at the issue presented.
Keywords: Psychodiagnostic Child, Family Psychic Transmission, Family, Child.

INTRODUÇÃO

Diante do cenário em que vivemos, do processo de medicalização da sociedade e da busca de um diagnóstico centrado no indivíduo, nosso trabalho visa discutir como os conceitos e formulações do campo da psicanálise de famílias podem contribuir para as discussões e reflexões acerca da atuação do psicólogo no contexto do psicodiagnóstico infantil.

Santiago (1998) coloca que os pais quando vão à procura de um psicólogo, almejam compreender o que está acontecendo com seus filhos e a busca de um profissional geralmente é feita quando os membros da família não estão conseguindo lidar sozinhos com os problemas que os afetam, e essa se dá em um momento de crise no grupo familiar.

Rosa e Sirota (2002) colocam que na psicologia o lugar da família na constituição do indivíduo sempre foi valorizado, ficando evidente a importância desta ligação principalmente pelo vínculo emocional. As referidas autoras colocam também que é comum que o núcleo doente da família não seja a criança encaminhada, ela pode ser o bode expiatório, o depositário da enfermidade familiar, sendo importante que no processo psicodiagnóstico o psicólogo se atente a compreensão da relação entre as dificuldades da criança e a problemática familiar, buscando compreender também os fatores que poderiam ter levado a família a adoecer.

Rosenberg (1994) coloca que a família, no processo de constituição do indivíduo, exerce uma grande influência sendo esta promotora de saúde entre seus membros como também de perturbações; suas crises, transformações, disfunções podem levar a formação de sintomas em seus integrantes. A autora coloca que quando a linguagem verbal não consegue comunicar algo, os comportamentos podem assumir essa comunicação e os sintomas podem emergir como uma forma de comunicar que algo não vai bem, que algo não está sendo elaborado pelo grupo familiar, produzindo uma transformação na dinâmica da família.

Nesse sentido, quando a doença da família emerge via sintoma da criança, a dimensão familiar se torna um ponto importante e de grande relevância tanto no trabalho do psicodiagnóstico quanto no trabalho terapêutico, sendo importante reconhecer a ligação entre a criança e seus cuidadores procurando compreender a delimitação do espaço e a ligação estabelecida entre o sintoma da criança e as questões familiares.

A partir do exposto acima, este trabalho teve como objetivo estudar a questão da transmissão psíquica familiar e da filiação buscando refletir sobre as possibilidades de articulação com a prática

do psicodiagnóstico infantil. Para tanto, buscamos refletir sobre os conceitos de transmissão psíquica familiar e filiação, visando o aprofundamento teórico sobre a temática para então buscarmos compreender a relação entre estes com a demanda trazida pelos pais ao procurar um psicodiagnóstico para os seus filhos. Visamos, desta forma, problematizar esse campo de investigação, em busca de pensar possibilidades de atuação dentro do psicodiagnóstico infantil onde esses saberes possam se articular, trazendo contribuições para a prática do profissional psicólogo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa de caráter teórico-reflexivo foi desenvolvida em duas etapas:

1- Pesquisa em bases de dados: Foram feitas pesquisas em bases de dados, catálogos nacionais utilizando os termos principais que compõem a temática da presente pesquisa. Os termos foram: psicodiagnóstico infantil; transmissão psíquica familiar; filiação e afiliação. A pesquisa se norteou pelas produções nos últimos 5 anos (como a pesquisa começou em 2011 e termina em 2014, consideramos 5 anos a partir da data de início da pesquisa, então pesquisamos as produções a partir do ano de 2006 até o ano de 2014). As bases de dados pesquisadas foram: BVS-Psi Ulapsi Brasil, Pepsic, Lilacs, Scielo e o Portal Capes, foram pesquisados periódicos, livros e teses, cadastrados nas bases citadas acima. No campo psicodiagnóstico infantil, nos ativemos apenas às produções que utilizam o referencial psicanalítico.

2- Reflexões e articulações: Esta etapa consistiu em um trabalho de aprofundamento na temática e apresentação das pesquisas mais recentes realizadas e publicadas e a construção de reflexões sobre a possibilidade de articulação entre a questão da transmissão psíquica familiar e dos conceitos de filiação e afiliação com o psicodiagnóstico infantil.

RESULTADOS

Ao realizarmos a pesquisa nas bases de dados nacionais, pudemos observar que são poucas as produções tanto quando utilizamos o termo Psicodiagnóstico Infantil, quanto quando utilizamos os termos: transmissão psíquica familiar; filiação. A pesquisa se norteou pelas produções do período entre o ano de 2006 até o ano de 2014.

As produções sobre o psicodiagnóstico infantil que pretendem

discutir o processo em si na perspectiva da Psicanálise se concentra nos trabalhos desenvolvidos por Barbieri, Jacquemin e Alves (2007) sobre o Psicodiagnóstico Intenventivo, que discute a prática do psicodiagnóstico pensando novas possibilidades de atuação. As demais produções ainda são pautadas na discussão do uso dos testes e dos procedimentos de validação dos instrumentos, poucos são os trabalhos que visam a reflexão sobre o psicodiagnóstico no contexto da clínica com crianças nos dias atuais.

Com relação à pesquisa sobre transmissão psíquica familiar; filiação, também encontramos poucas produções sobre o tema, os trabalhos encontrados sobre a temática se relacionam mais com discussões de casos clínicos, porém poucos que se dedicam a discussão da prática clínica e o atendimento com crianças.

Transmissão Psíquica Familiar, Filiação e Psicodiagnóstico Infantil

Ao tomarmos estes conceitos como objetos de investigação, torna-se necessário retomar os escritos freudianos, uma vez que neles já existem algumas referências ao campo da intersubjetividade. O autor em textos como *Totem e Tabu (1913), Sobre o narcisismo: uma introdução (1914) e Psicologia e Grupo e Análise do Ego (1921),* nos coloca sobre a importância de nos atentarmos a estes conteúdos que fazem parte da constituição subjetiva.

Em *Totem e Tabu,* Freud (1913), discute a questão da herança da humanidade e coloca esta por meio da ideia da culpa e dos interditos que são transmitidos a partir da organização dos primeiros tabus. Os tabus e os interditos que regem as relações sociais são colocados como algo transmitido à humanidade desde tempos primevos.

Posteriormente em 1914, na obra *Sobre o narcisismo: uma introdução,* o autor discute a existência de algo que nos precede quando coloca que o sujeito vai apoiar-se no narcisismo da geração que o precede. Nesta obra, Freud (1914) pontua que no projeto do filho, os pais retomam antigos desejos e que estes compõem o lugar prescrito para este na história familiar, os anseios, desejos, projetos realizados pelos pais vão posteriormente permear os processos de constituição do indivíduo. A criança, desde sua concepção é inscrita no espaço e no imaginário familiar, é requerida para compartilhar os enunciados dos ancestrais como forma de assegurar a continuidade da família e de sua identidade.

Em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* Freud (1921), a partir das acepções que vinha construindo com o desenvolvimento de seus estudos sobre o aparelho psíquico individual, abordou alguns pontos que o levaram a discutir questões que se relacionavam não apenas a estrutura

psíquica individual, mas a existência de uma intersubjetividade constitutiva. A partir das ideias de Freud, podemos considerar que o sujeito tem uma herança que o precede e que o inscreve, antes mesmo de nascer, em um registro familiar. Desta forma, é a partir dessa herança que ele deverá subjetivar-se, dando sentido ao seu próprio desejo e assumindo o seu lugar.

O lugar no qual o filho é inscrito no imaginário familiar se relaciona diretamente ao que Benghozi (2010) denomina de vínculo de filiação, remetendo em nível vertical e diacrônico, aos pais, avós, filhos e netos que compõe o grupo e a história familiar. Esse vínculo de filiação insere-se numa malhagem que estabelece as ligações entre os membros de uma mesma família e entre a família e os grupos sociais (escola, trabalho, amigos, vizinhos, etc). É essa malhagem que, segundo o referido autor, permite a integridade e a manutenção dos continentes destas relações, ela consiste em uma rede de vínculos envolta por conteúdos que circulam e são transmitidos psiquicamente.

Kaës (2001, p. 14) coloca: "o inconsciente de cada indivíduo leva a marca, na sua estrutura e nos seus conteúdos, do inconsciente de um outro, e, mais precisamente, de mais de um outro". Estas considerações nos apontam para a ideia de que o inconsciente não é determinado apenas pelo que se opera no espaço intrapsíquico, mas também por sua ligação pelo campo de intersubjetividade, pelo grupo que o precede. O autor ainda considera que o material da vida psíquica é algo que pode ser transmitido e essa transmissão pode ocorrer de algumas formas: por um processo intrapsíquico ou intersubjetivo. A transmissão intrapsíquica se relaciona aqueles conteúdos que são transportados de uma instância a outra do aparelho psíquico. Já a transmissão intersubjetiva possui como espaço originário o grupo familiar, o grupo que o precede, abrangendo relações de diferença e complementaridade entre os sujeitos. Tanto o movimento intrapsíquico quanto o intersubjetivo determinam a constituição do sujeito do inconsciente.

Kaës (2001) aponta para a importância da retomada da história familiar e do contexto social na compreensão daquilo que é transmitido, do que é herdado e enfatiza que nosso destino é sermos herdeiros da humanidade, dos grupos que nos precedem. Para o referido autor somos precedidos por determinações culturais, lingüísticas e corporais, transmitidas de geração em geração, das quais nos apropriamos, e que o autor denomina *transmissão intergeracional.* E também, são transmitidos conteúdos que habitam o inconsciente, e que muitas vezes levam nossa vida a tomar direções influenciadas por

conteúdos anônimos e inacessíveis ao controle, a *transmissão transgeracional*.

Kaës (2001) coloca ainda que além do processo de transmissão intrapsíquica e intersubjetiva, existe uma outra forma de transmissão, a transpsíquica. A transmissão transpsíquica se relaciona ao que é transmitido através do sujeito e não entre eles, que pressupõe a extinção do espaço e dos limites subjetivos. É algo que é transmitido e que o sujeito é incapaz de se apropriar, que existe como algo estranho, estrangeiro, uma presença obscura, desconhecida, nos dizendo de que nem todo conteúdo que é transmitido o sujeito pode se apropriar de seu sentido, algumas vezes ele pode não conseguir assimilar, não consegue metabolizar os conteúdos que vem do outro, não podendo então, atribuir sentido ao que é herdado, não podendo transformar a herança.

A família, segundo Ruiz-Correa (2007), é um espaço intersubjetivo compartilhado que possibilita a transmissão dos conteúdos entre as gerações. Essa transmissão pode ocorrer de diversas formas, sendo permeado por uma contínua evolução, na qual o que é transmitido pode ser transformado pelos acontecimentos do grupo e pelas diversos momentos de crise e transformação que o este passa, como por exemplo: os nascimentos, casamentos, mortes, separações, etc.

Ao pensarmos nas possíveis articulações entre os conceitos acima discutidos com a prática do psicodiagnóstico infantil, torna-se necessário primeiramente discutir o papel da família no contexto do psicodiagnóstico infantil.

No psicodiagnóstico infantil, a família, especificamente os pais, tem um papel de grande importância. Na maioria das vezes são os pais quem trazem seus filhos, e vem a procura de ajuda para compreender o que está acontecendo com estes. Trinca (1984) coloca que no psicodiagnóstico o psicólogo deve buscar também a compreensão da dinâmica de relações do grupo familiar, uma vez que nestes operam forças e conjuntos de forças que incidem sobre o paciente, provocando tanto aspectos que propiciam o desenvolvimento quanto aspectos patológicos. Nesse caminho, Souza (1995) aponta que cabe ao psicólogo compreender o que realmente se passa com essa criança e os fatores que estão em jogo nesse processo, sendo de extrema importância a inclusão dos pais desde os momentos iniciais, uma vez que a escuta oferecida a estes permite o entendimento de muitas questões, tornando possível compreender a dinâmica das relações entre os membros do grupo familiar.

Ao falarmos da importância da família no processo psicodiagnóstico, percebemos que muitas vezes a referência para o estudo destas relações está focada na relação pais-

filhos, e no olhar para o sintoma apresentado pela criança. Mesmo que as considerações sejam feitas levando em conta a dinâmica do grupo familiar, percebemos nos trabalhos publicados, tanto nos referentes ao período de 2006-2014, quanto nos que se configuram como trabalhos "clássicos" nesse campo de estudo, que o olhar se volta para o grupo familiar, mas ainda partindo de um sintoma individual.

DISCUSSÃO

Consideramos a partir de nossas reflexões que apesar da dimensão familiar no psicodiagnóstico infantil ser valorizada dentro do processo, essa ainda é pautada em um olhar individual, onde uma criança adoece, e mesmo este sintoma sendo algo do grupo familiar, ainda é para esta que é buscado o tratamento e pensado alternativas de intervenção. Partindo desse pressuposto, em todo o nosso trabalho, foi colocado como ponto fundamental, e também disparador de nossas indagações: a necessidade de um olhar mais abrangente que considere o grupo familiar e o contexto social no qual a criança está inserida.

Buscamos desenvolver nossa pesquisa a partir de um olhar para o sujeito e seu grupo familiar, como um todo, pensando em como esse olhar pode contribuir para a compreensão dos sintomas e queixas apresentados pelos pais ao procurar o psicodiagnóstico para seus filhos. Consideramos então, que os conceitos desenvolvidos e discutidos dentro do campo da psicanálise de famílias podem contribuir para mudanças na realização do processo de psicodiagnóstico infantil trazendo justamente esse olhar mais abrangente para a compreensão do caso, pautado em um olhar para o sujeito do grupo, aquele que se constitui no campo da intersubjetividade.

A partir de nossas pesquisas, acreditamos que embora a questão do psicodiagnóstico seja constantemente alvo de discussões, surgindo novas técnicas para o desenvolvimento deste processo, este continua sendo um trabalho pautado por um olhar individual. Acreditamos que os sintomas e queixas apresentados fazem parte de um contexto maior que envolve tanto a família quanto a sociedade e que estes devem ser considerados na realização desse processo. Acreditamos também, que o psicodiagnóstico infantil deve ser repensado enquanto prática, discutindo as etapas de execução e o olhar dirigido ao sujeito como porta-sintoma familiar, buscando outras possibilidades de atuação que permitam um olhar mais abrangente para a questão apresentada.

CONCLUSÃO

Nossa pesquisa buscou a partir de uma reflexão crítica pensar possibilidades

que colaborem para a desconstrução da ideia de um diagnóstico puramente individual e que se reflita sobre possibilidades de nós psicólogos nos posicionarmos, em nossa prática profissional cotidiana, de forma resistente a essa onda de medicalização da infância, buscando alternativas, articulando saberes que nos possibilitem repensar nossa prática.

Consideramos também que nossa pesquisa é um primeiro ensaio, onde a partir do descontentamento ao olhar e refletir sobre o papel do psicólogo como legitimador do diagnóstico individual, muitas vezes dando subsídios que justificassem a medicalização das crianças, a partir da prática do psicodiagnóstico, começamos a pensar possibilidades, que levaram ao interesse no desenvolvimento da presente pesquisa, para o aprofundamento na temática e para a busca de uma reflexão que propicie novos questionamentos, novas ideias, que os saberes circulem e se articulem e que isso, possa se refletir no campo de ação, na prática profissional do psicólogo e que possamos assim nos posicionarmos veementemente contra a medicalização da nossa sociedade e nesse caso, de nossas crianças, sendo promotores de um outro olhar para o sujeito e para a saúde e não legitimadores do olhar individualizante presente na atualidade. Esperamos que as considerações que tecemos nesta pesquisa possam contribuir para os estudos e discussões sobre o psicodiagnóstico infantil, a psicanálise de famílias, para a prática e atuação do psicólogo, bem como para o olhar e a escuta clínica.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, V.; JACQUEMIN, A.; ALVES, Z.M.M.B. O psicodiagnóstico interventivo como método terapêutico no tratamento infantil: fundamentos teóricos e prática clínica. **Revista Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n.2, p. 174-181, maio/ago. 2007.

BENGHOZI, P. **Malhagem, filiação e afiliação**. São Paulo: Vetor, 2010.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud.** Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I a v. XXIII.

_____. (1913) **Totem e Tabu In: _____.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.** Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1921) **Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: _____.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XVIII.**

_____. (1914- 1916) **Introdução ao narcisismo:** ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução e Notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KAËS, R. **Transmissão da vida psíquica entre as gerações.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

ROSA, H. R.; SIROTA, E. Reflexões sobre o papel da família na avaliação psicológica de

crianças. **Caderno UniABC**, ano IV, n. 32, São Paulo: UniABC, 2002.

ROSENBERG, A. M. S. O **lugar dos pais na psicanálise de crianças.** São Paulo: Escuta, 1994.

RUIZ-CORREA, O. B. **Grupo familiar e psicanálise:** ressonâncias clínicas. São Paulo: Vetor, 2007.

SANTIAGO, M. D. E. Psicodiagnóstico: uma prática em crise ou uma prática na crise. In: ANCONA-LOPEZ, M. et al. **Psicodiagnóstico:** processo de intervenção. São Paulo: Cortez, 1998.

SOUZA, A. S. L. **Pensando a inibição intelectual:** perspectiva psicanalítica à proposta diagnóstica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

TRINCA, W. **Diagnóstico psicológico:** a prática clínica. São Paulo: EPU, 1984. (Temas Básicos de Psicologia; v. 10).

Recebido para publicação em 18/08/2014
Revisado em 01/09/2014
Aceito em 19/09/2014